

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

POR UMA CANÇÃO

7 de Agosto de 2021

THE POCKETBOOK / 1980

um filme de BILLY WOODBERRY

Realização, Montagem: Billy Woodberry *Argumento:* Billy Woodberry, a partir de *Thank You, M'am*, de Langston Hughes *Fotografia:* Mario DeSilva, Gary Gaston, Charles Burnett *Interpretação:* Simi Nelson, Ray Cherry, David Jenkins, Al Williams, Christopher Thompson, Phillip Weatherspoon.

Produção: Billy Woodberry (Estados Unidos, 1980) *Cópia:* DCP (restauro digital a partir do suporte 16 mm do negativo original pela UCLA Film & Television Archive), preto-e-branco, legendada eletronicamente em português, 12 minutos *Inédito comercialmente em Portugal Primeira exibição na Cinemateca:* 29 de Abril de 2019 ("A Cinemateca com os Encontros Cinematográficos: Billy Woodberry" / com *BLESS THEIR LITTLE HEARTS*, Billy Woodberry, 1983).

APRESENTADO COM *PORTRAIT D'UNE JEUNE FILLE DE LA FIN DES ANNÉES 60 À BRUXELLES* (CHANTAL AKERMAN, 1993), "FOLHA"
DISTRIBUÍDA EM SEPARADO | ESTA "FOLHA" DE *THE POCKETBOOK* É UMA VERSÃO EDITADA DO TEXTO DIVULGADO EM 2019.

Há uma energia vital no cinema de Billy Woodberry que declara de chofre a exuberância da sua pulsação. No travelling lateral da sequência de abertura de *The Pocketbook* (1980), filme do início (anterior à realização da longa-metragem *Bless their Little Hearts*, concluída em 1983 no contexto de escola da UCLA), a imagem do bando de miúdos em correria no cenário dos vagões ferroviários tem o ritmo endiabrado dos pequenos protagonistas e a cadência *folk-blues* que vem da banda sonora, *Red Bird*, por Lead Belly (Huddie William Ledbetter, ou o "King of the Twelve-String Guitar" que Kurt Cobain celebraria em versão rock com os Nirvana, *Where Did You Sleep Last Night*). No preto-e-branco granuloso da fotografia assinada por Charles Burnett, Mario DeSilva e Gary Gaston, *The Pocketbook* parte de um conto do poeta americano Langston Hughes (*Thank You Ma'am*, 1958), figura de relevo da chamada *jazz poetry* e da nova-iorquina Harlem Renaissance, como ficou cunhado o movimento intelectual, social e artístico vindo do New Negro Movement dos anos vinte do século XX.

A história faz-se em retrospectiva, é sabido. A história do cinema de Billy Woodberry, que tem vindo a embrenhar-se na veia documental (desde *And When I Die, I Won't Stay Dead*, 2015), começa ficcional, sob a influência de Charles Burnett que, além da colaboração em *The Pocketbook*, é autor do argumento e da fotografia de *Bless their Little Hearts*, protagonizado pela mesma atriz de *Killer of Sheep* (Charles Burnett, 1977): no filme de Woodberry, Kaycee Moore contracena com Nate Hardman e o habitat da família é a mesma comunidade afro-americana urbana e pobre do centro de Los Angeles. Na realidade, longo tempo afastados de uma visibilidade que fizesse inteira justiça a um e outro, próximos na sensibilidade, *Killer of Sheep* e *Bless their Little Hearts* configuram hoje uma determinante dupla de filmes do cinema independente americano determinado por um gesto simultaneamente cinematográfico, social e político. Mais: são ambos títulos fundamentais do movimento que viria a ser designado como a "L.A. Rebellion", que a partir de finais dos anos 60 (*Several Friends*, Burnett, 1969) e durante cerca de 20 anos agrupa uma série de estudantes africanos e afro-americanos da UCLA especialmente atentos à realidade das comunidades negras. Corria a época em que o Movimento pelos Direitos Civis dos Negros respirava a intensidade dos acontecimentos da "Revolta de Watts" de 1965.

Na faculdade de cinema, teatro e televisão da universidade da Califórnia os ecos não foram só férteis, foram poderosos e continuados. Billy Woodberry chegou lá no início dos anos 70, já Burnett, antes de ser mentor e ainda de algum modo um estreado, era uma figura influente.

No início do fio da meada, a fulgurante miniatura de *The Pocketbook*, que não fala de um livro de bolso, mas de uma mala (quase) roubada pelo pequeno protagonista que se destaca do bando de miúdos do início para se fazer às ruas da cidade e acabar no apartamento da senhora que tenta assaltar, destila já a sensibilidade de Woodberry à fotografia. O filme junta na dedicatória Langston Hughes e Gladys Woodberry, o cineasta Sidney Meyers e a “fotógrafa de rua” nova-iorquina Helen Levitt. Se na obra inicial de Woodberry transparece o lado trinta por uma linha que anima o bando de *The Pocketbook*, transparece também o espírito dos fotógrafos e cineastas de rua americanos para o qual um plano como o dos jorros de água que tornam efervescentes as tropelias dos miúdos remete de imediato. Sim, vêm à ideia *Les 400 coups* de Truffaut (1959) e, claro, *The Little Fugitive* de Ray Ashlin, Morris Engel e Ruth Orkin (1953), *The Quiet One* de Meyers (1948), *In the Street* de Helen Levitt, James Agee e Janice Loeb (1948).

O conto moral em que o filme se volve quando o pequeno assaltante frustrado é confrontado com o “ralhete” da vítima que se recusa sê-lo, fazendo-o de resto pensar na vida por lhe falar do que lhe custa ganhar a sua, é pontuado pelo plano geral nocturno da cidade, dos seus reclames luminosos, do seu trânsito iluminado pelos faróis dos automóveis. Não uma *Broadway by Light* como a de William Klein no esplendoroso estudo da cor do filme de 1958, mas uma cidade recortada a rasgos de luz no preto e branco contrastado. E vemos toda uma linhagem de referências marcar visualmente *The Pocketbook*, que por outro lado, nos acordes de Lead Belly mas também de Thelonious Monk e Miles Davis, respira a música que o cinema de Billy Woodberry também não dispensa desde então – o jazz e o blues, os cânticos espirituais sulistas, a música folk, a vanguarda musical.

Maria João Madeira